

## **A Carnaúba e seus Possíveis usos Turísticos no litoral do Piauí**

### ***The Carnaúba Palm Tree and its possible tourist uses in the coastal of Piauí***

#### **Solano de Souza Braga**

Professor Adjunto do curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Ouro Preto/MG, Brasil. Professor no Programa de Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, Parnaíba/PI, Brasil.

E-mail: solano@ufop.edu.br

#### **Heidi Gracielle Kanitz**

Professora Adjunta do curso de Turismo da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, Parnaíba/PI, Brasil. Vice Coordenadora do Grupo de Estudos em Sustentabilidade e Patrimônio em Bacias Hidrográficas (GESBHAP) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, Parnaíba/PI, Brasil.

E-mail: heidikanitz@ufpi.edu.br

#### **André Riani Costa Perinotto**

Professor Associado do curso de Turismo da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) Parnaíba/PI, Brasil. Professor do Mestrado em Turismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Curitiba/PR, Brasil e Professor do Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza/CE, Brasil.

E-mail: perinotto.arc@gmail.com

#### **Marina Furtado Gonçalves**

Professora Adjunta do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Salvador/BA, Brasil.

E-mail: marinaufmg@yahoo.com.br

*Artigo recebido em: 01-10-2021*

*Artigo aprovado em: 11-04-2022*

## RESUMO

A carnaúba é uma palmeira amplamente utilizada no estado do Piauí. Dela se aproveitam todas as suas partes, com destaque à utilização das folhas para a confecção de diversos produtos artesanais como chapéus, bolsas, esteiras, dentre outros. Neste artigo traçou-se um breve histórico sobre o uso da carnaúba no estado datando desde antes da colonização, sendo até hoje um dos principais produtos de exportação do Piauí. Defende-se a hipótese que o cultivo e o processamento da carnaúba configuram-se como patrimônio imaterial local resultando em artefatos culturais que podem ser explorados pela atividade turística. Destaca-se que não há como separar o material e o imaterial na busca para a compreensão dos modos de fazer tradicionais e os objetos finais não são somente o reflexo do homem, mas sim o próprio homem. Desta forma, buscou-se compreender, a partir de referências bibliográficas e pesquisa de campo, como se dá a exploração da Carnaúba no Piauí, bem como a sua valorização por meio do processo de registro e os seus possíveis usos turísticos. Entendeu-se que as atividades envolvendo a Carnaúba constituem um saber local, integrando o meio ambiente, a cultura e o turismo em seus diversos segmentos e, desta forma, devem ser valorizados para que não somente o produto final seja comercializado e utilizado para fins turísticos, mas também todo o processo de beneficiamento que envolve saberes específicos e que necessitam dos instrumentos de preservação, como o registro.

**Palavras-chave:** Carnaúba. Patrimônio cultural. Turismo. Valorização. Piauí.

## ABSTRACT

Carnaúba is a palm tree widely used in the state of Piauí. All its parts are used, with emphasis on the use of the leaves to make various handcrafted products such as hats, bags, mats, among others. In this article, a brief history of the use of the Carnaúba in the state was traced, dating back to before colonization, and is still one of the main export products in Piauí. The hypothesis defended is that the cultivation and processing of the Carnaúba is a local intangible heritage resulting in cultural artifacts that can be explored by tourism. It is noteworthy that there is no way to separate the material and the immaterial matter in the quest to understand the traditional “ways of making” and the final objects are not only the reflection of man, but also the man himself. Thus, we sought to understand from bibliographical references and field research how the exploration of the Carnaúba takes place in Piauí, as well as its valorization through the registration process and its possible tourist uses. It was understood that the activities involving the Carnaúba constitute local knowledge, integrating the environment, culture and tourism in its various segments and, therefore, should be valued so that not only the final product is marketed and used for tourist purposes, but also the entire beneficiation process that involves specific knowledge and that need preservation instruments, such as the registration.

**Keywords:** Carnaúba. Cultural heritage. Tourism. Appreciation. Piauí

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade Clássica nota-se a preocupação da sociedade quanto à manutenção do seu patrimônio na busca pela preservação do que já existia e a necessidade de se criar algo duradouro. Entretanto, por muito tempo entendeu-se como patrimônio cultural aquilo de caráter monumental, sobretudo de natureza arquitetônica, que permitisse recordar eventos de índole militar, diplomática, religiosa ou, então, associados a antigas civilizações (Mendes, 2013). Com o desenvolvimento do pensamento quanto à concepção do conceito de patrimônio cultural inclui-se diversas manifestações da atividade humana, tais como os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, as celebrações, as festas e as danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições. Tais manifestações podem ser observadas no litoral do estado do Piauí, porém as grandes mudanças advindas da globalização e o fluxo de visitas a que as localidades estão expostas podem provocar alterações significativas na dinâmica e no entendimento das oportunidades e ameaças que atingem o patrimônio cultural local no atual contexto sociocultural.

Historicamente, o Piauí é um estado que não desenvolve ações de valorização do seu patrimônio cultural, sobretudo quanto às imaterialidades. O único registro de patrimônio imaterial do estado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é a Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí, inscrita no Livro de Registro dos Saberes em maio de 2014 (IPHAN, 2014). Ressalta-se que o processo de registro relacionado à Cajuína, conforme informações de agentes culturais locais, só foi iniciado devido ao estado do Ceará reivindicar tal saber.

Para além da cajuína, o Piauí conta com sua diversidade cultural e com um grande potencial paisagístico representado pela presença da Carnaúba, uma palmeira nativa encontrada entre os estados do Maranhão e do Rio Grande do Norte. A Carnaúba é largamente explorada em diversas porções do estado e aproveita-se desde as suas folhas até o caule. No decorrer da história, a Carnaúba foi um dos principais produtos de exportação e influenciador da economia do Piauí, sendo que a própria colonização do estado teve influência da palmeira, conforme destaca Araújo (2008): “a colonização inicial do Piauí foi possível, em grande parte, graças à presença da carnaubeira nas áreas onde se introduziram os rebanhos bovinos, pois a fixação do homem foi facilitada devido às suas qualidades” (Araújo, 2008, p. 199). Ainda segundo o autor todas as partes da Carnaúba eram aproveitadas nos assentamentos populacionais.

Apesar da notada importância econômica, social e histórica da Carnaúba no Piauí, os saberes e as práticas relacionadas ao cultivo e ao processamento da palmeira não são reconhecidos oficialmente como parte do patrimônio imaterial do estado. Na busca por essa reconhecida (ressignificação) apresentam-se aqui as características, os usos e a importância histórica desta palmeira para o povo piauiense.

Um aspecto relevante da patrimonialização que será abordado é o valor agregado dos artefatos produzidos resultantes dos modos de fazer tradicionais utilizando como matéria prima a Carnaúba. Na região do litoral piauiense é possível encontrar diversos produtos artesanais confeccionados a partir da palha da Carnaúba, porém não existem programas ou projetos específicos para a valorização dos modos de fazer, do processo artesanal em si ou dos artefatos produzidos.

Destaca-se que não há como separar o material e o imaterial na busca para a compreensão dos modos de fazer tradicionais e os objetos finais não são somente o reflexo do homem, mas sim o próprio homem, pois “o lugar e o valor dos instrumentos e dos saberes, das matérias primas e das técnicas, do produto e dos seus significados, forma uma unidade complexa e dinâmica, forjadas no processo, pelo conjunto da prática, pelo todo da ação humana” (Meneses, 2015, p. 59). Assim como Meneses (2015), Rede (1996) aponta para uma perspectiva de combinação, em que o material e o imaterial devem caminhar juntos, excedendo à simples sobreposição de informações provenientes de diferentes campos de análise e induzindo à sua interação mútua e controle recíproco. Diante do exposto, o objetivo deste artigo é analisar o potencial patrimonial da carnaúba enquanto cultura e atrativo turístico, com ênfase no artesanato como elemento identitário principal.

## 2. METODOLOGIA

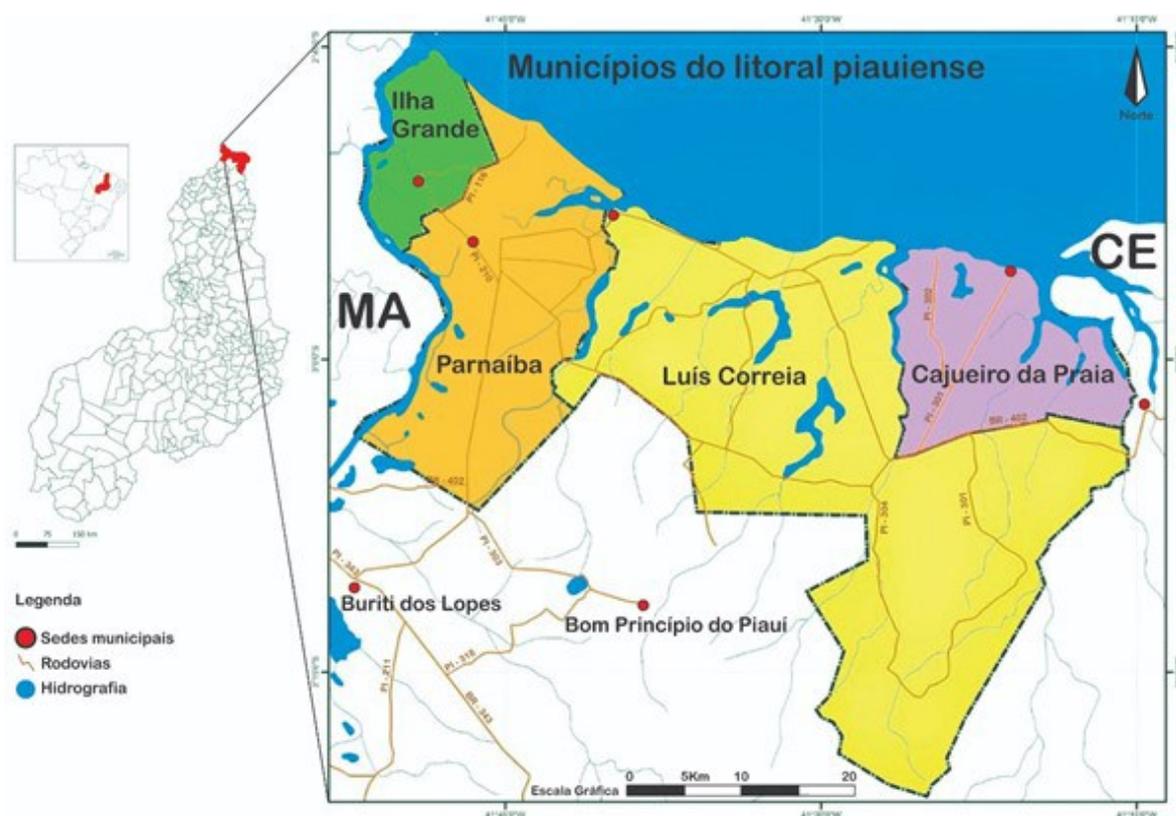
Por envolver um tema pouco estudado, considera-se este estudo de cunho exploratório, pois tem como objetivo a caracterização inicial de um problema (Ruiz, 2008). Conforme é mais comum para esse tipo de levantamento, o trabalho possui dentre as suas etapas de desenvolvimento a pesquisa bibliográfica e a abordagem de um estudo de caso (Gil, 2008). A observações dos autores sobre a realidade local nos municípios de Ilha Grade, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia (MAPA 1) motivaram a abordagem apresentada.

A metodologia do presente trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa bibliográfica, abrangendo referências públicas em relação ao tema estudado, contemplando boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, tese, materiais cartográficos, entre outros. Cabe

ressaltar que a finalidade dessa etapa é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto (Lakatos & Marconi, 2001).

O estudo bibliográfico foi considerado como um aporte para a hipótese que a Carnaúba pode ser mais valorizada pela atividade turística no litoral do Piauí. De forma generalista, Ruiz (2008, p. 57) considera que “qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer à maneira de atividade exploratória, quer para o estabelecimento do *status quaestionis*, quer para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa”.

Mapa 1 - Municípios do litoral piauiense.



Fonte (Braga & Guzzi, 2021, p. 2).

Foram ainda coletados dados secundários contemplando estudos acerca de informações gerais relacionadas à Carnaúba e os seus usos no Piauí, incluindo possibilidades vinculadas ao turismo. Ressalta-se a escassez de trabalhos sobre o tema deste artigo, o que pode ser um reflexo da pouca valorização e do não reconhecimento dos aspectos culturais relacionados ao uso e manejo da carnaúba no Estado do Piauí.

### 3. BREVE HISTÓRICO SOBRE A CARNAÚBA E SEUS MÚLTIPLOS USOS

A carnaubeira (*Copernicia prunifera* (Miller) H. E. Moore) é uma espécie de palmeira do tipo xerófito, nativa do Brasil, endêmica na região Nordeste e, somente nas condições ambientais desta região, produz, em base econômica, o pó cerífero, a principal matéria prima para o beneficiamento da cera. Os carnaubais podem ser encontrados com maior incidência nos vales de rios dos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, porém também são observados nos estados do Maranhão, Bahia (no vale do São Francisco), Pernambuco e Paraíba (Alves & Coelho, 2006; D'Alva, 2007).

Com alto potencial paisagístico, a Carnaúba confere uma aparência distinta ao cenário dessas regiões, devido às suas dimensões e por crescer em aglomerados uniformes. Alves e Coelho (2006) destacam a morfologia desta palmeira nativa do Brasil com altura média que “varia entre 7 e 10 metros, podendo atingir os 15 metros. A planta possui um tronco reto e cilíndrico com diâmetro entre 15 e 25 centímetros” (Alves & Coelho, 2006, p. 3). A ocorrência da Carnaúba se dá próxima aos cursos d’água, pois esta espécie vegetal apresenta melhor desenvolvimento em “solos argilosos (pesados), aluviais (de margens de rios) e com a capacidade de suportar alagamento prolongado durante a época de chuvas, além de ser bastante resistente a elevados teores de salinidade” (Alves & Coelho, 2006, p. 3) (FIGURA 1). A origem do termo “Carnaúba” advém da língua indígena das tribos tupi e significa “árvore-que-arranha” (Sousa, 2015), o que faz uma referência ao tronco repleto de estruturas que se assemelham a espinhos.

Figura 1: Carnaubal em área alagada no litoral piauiense.

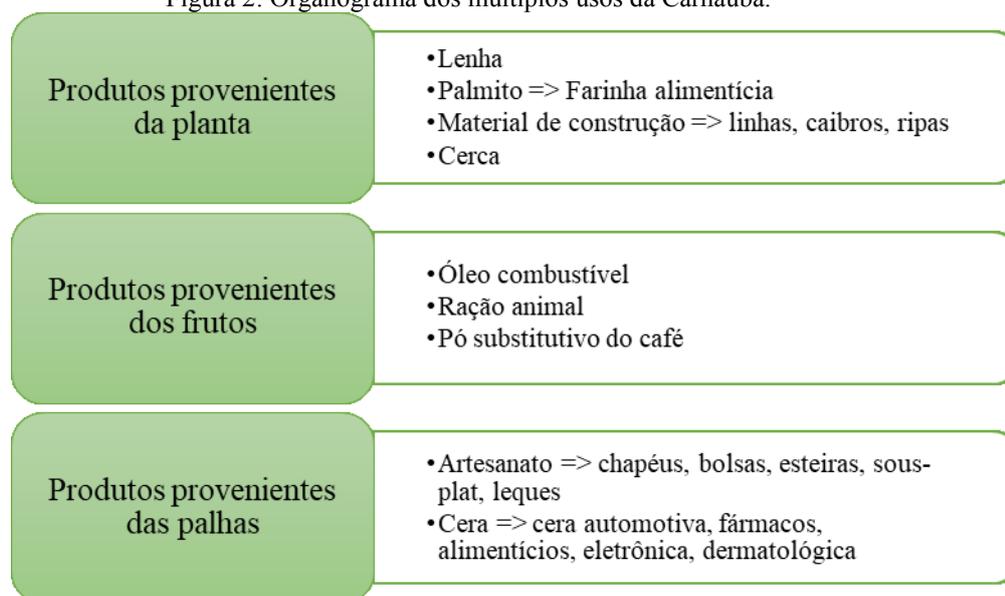


Fonte: Acervo próprio, 2019.

Como afirmado anteriormente, os maiores carnaubais estão localizados nos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, sempre nos vales dos rios e terrenos arenosos e mal drenados. A principal razão para a alta concentração da planta nesses estados é a baixa taxa de chuvas, pois a Carnaúba possui uma camada de cera necessária para manter a umidade, impedindo a evaporação da água pelo sol tropical. Adaptada ao seu habitat, a Carnaúba é uma planta de grande longevidade – estima-se que possa viver até 200 anos, capaz de passar por longos períodos de seca sem quaisquer inconvenientes (Bayma, 1958; Carvalho, 1982; Gomes *et al.*, 2006). Devido à sua resistência a adversidades ambientais a Carnaúba ficou conhecida também como "árvore da providência" e/ou "árvore da vida", cujos nomes foram atribuídos pelo naturalista Alexander von Humboldt no século XVIII (Alves & Coelho, 2006).

Diversos autores como Nascimento & Vieira (2008), Araújo (2008) e Alves (2008) citam em seus trabalhos os múltiplos usos das partes da Carnaúba: suas raízes, o caule, os frutos, as castanhas, as folhas e o palmito. Embora todas as porções da palmeira possam ser aproveitadas, as mais utilizadas são as folhas, “pois são com elas que se confeccionam o artesanato típico, fonte de renda nas comunidades” (Vieira, 2013, p. 64). As folhas da Carnaúba são empregadas para a confecção de coberturas para as casas, na produção de cordas, chapéus, calçados, bem como outros objetos (Nascimento & Vieira, 2008; Araújo, 2008). Abaixo estão elencados alguns dos principais produtos desenvolvidos a partir da Carnaúba (FIGURA 2):

Figura 2: Organograma dos múltiplos usos da Carnaúba.



Fonte: Elaboração dos autores a partir de Queiroga *et al.*, 2017.

Diante da diversidade proveniente do aproveitamento da Carnaúba destaca-se o estudo de Vieira (2013) em que a autora identificou no litoral piauiense trinta e um tipos de artefatos artesanais confeccionados a partir do uso das folhas imaturas (novas) da Carnaúba, também chamadas de “broto” ou de “olho”. A seguir, estão elencados os nomes dos objetos e seus usos: Bandejas (“acomoda alimentos a serem servidos no contexto doméstico/atividade comercial”), Porta talher (“depósito cilíndrico para armazenar talheres”), Porta prato (“base circular que protege as mãos e a mesa do calor de panelas e pratos”), Cobre-bolo (“estrutura armada que resguarda alimento, visando barrar o contato de insetos com os itens protegidos sob aquela”), Pata (“objeto de decoração em forma de pata ou galinha. Quando aberta a parte superior serve de depósito para ovos”), Esteira (“utilizado como manta nos animais de tração, nos quais os protege contra os danos do atrito da cangalha. Também utilizado para enfeitar mesas e cadeiras”), Espanador (“remover a poeira de móveis”), Rede (“utensílio utilizado para descansar ou dormir”), Luminária (“cilindro que rodeia e decora as lâmpadas dos tetos de interiores”), Pãozeira (“recipiente retangular para depositar pães”), Costureiro (“caixinha onde se guarda linha e agulhas”), Tapete (“além de decorativo de assoalhos de portas, serve como base para retirar resíduos dos solados dos calçados”), Abajur (“cúpula que circunda e serve de apoio para lâmpadas de mesa e de chão, diminuindo a intensidade e a áreas de iluminação”), Abano (“espécie de leque, utilizado para abanar e assim auxiliar no processo na queima do

carvão”), e Chapéu (“trançado que forma um chapéu para proteção da face contra os raios solares”).<sup>1</sup>

Além das folhas imaturas das palmeiras presentes em locais com maior umidade, as folhas adultas da Carnaúba, encontradas em locais mais secos, também têm a sua utilidade. A cera de Carnaúba, por exemplo, é extraída apenas das folhas secas das palmeiras de ambiente mais áridos. Um dos primeiros usos da cera de Carnaúba em escala comercial foi na substituição do sebo animal na fabricação de velas em meados na década de 1850. No entanto, a árvore já era conhecida e utilizada pelas populações locais em 1750 e existem registros documentais referenciando o uso da cera em cartas datadas de 1783, redigidas pelo ouvidor e corregedor-geral da comarca do Ceará (Nascimento & Vieira, 2008).

Atualmente os principais usos da cera da Carnaúba são no setor de informática (produção de *chips*, *tonners* para impressoras, códigos de barras), na fabricação de polidores (pisos, móveis, carros, couro), na indústria alimentícia (polimento de frutas para conservação pós-colheita como goiaba, mamão, maracujá amarelo e cereja, revestimento de queijos, composição da goma de mascar, doces, refrigerantes, frutas e flores artificiais, vegetais desidratados), na indústria automobilística (em capas para assentos), na produção de cerâmicas, na composição de explosivos e fósforo (com aplicação do ácido pícrico, substância presente na cera), em embalagens de papelão e revestimento de latas para produtos alimentícios, na indústria farmacêutica (revestimento de cápsulas, cera dental, produtos de tratamento de cabelo e pele) e cosmética (batom, máscara de cílios, creme de barbear), em filmes plásticos, na fabricação de tintas e no papel carbono (Nascimento & Vieira, 2008; Alves & Coelho, 2006; Ferreira, Nunes & Gomes, 2013; Carvalho & Gomes, 2017).

A cera de Carnaúba é produzida em condições para exploração econômica apenas nos ambientes secos do bioma das caatingas no nordeste do Brasil, pois a liberação de cera nas folhas é um dos mecanismos de defesa da planta para tal condição climática (Nascimento & Vieira, 2008). Conforme descrevem Ferreira *et al.* (2013) a cera é obtida “mediante processamento do pó cerífero, que se forma na superfície das folhas como uma camada protetora para evitar a perda excessiva de água por evapotranspiração no período seco e de elevadas temperaturas” (Ferreira *et al.*, 2013, p. 26). Para Carvalho & Gomes (2017) é o pó cerífero, extraído das folhas, o produto “de maior importância socioeconômica, visto que, a partir de seu beneficiamento, obtém-se a cera de Carnaúba, material de inúmeras aplicações em diversos setores da indústria mundial” (Carvalho & Gomes, 2017, p. 50).

---

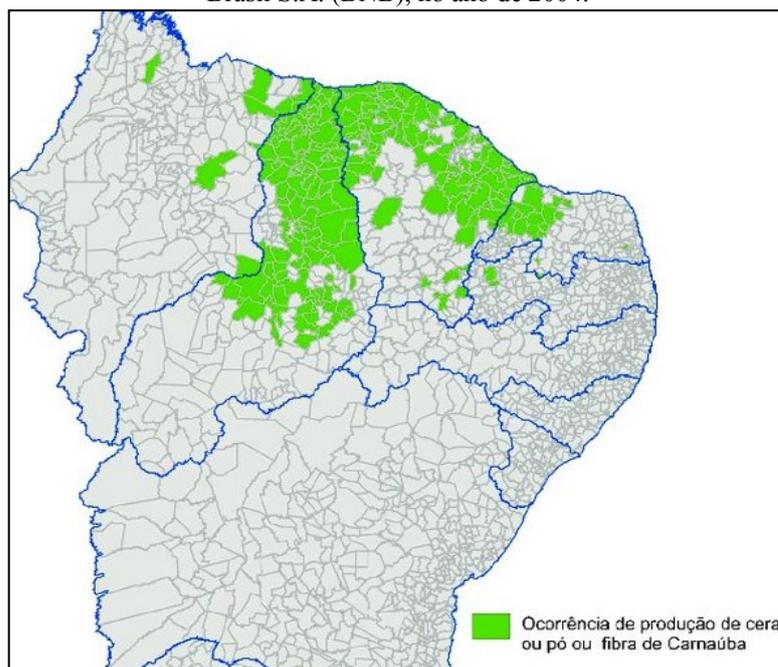
<sup>1</sup> Agrupamento das descrições dos artesanatos produzidos com a folha da Carnaúba realizado por Vieira (2013).

Em levantamentos realizados por Nascimento e Vieira (2008) a respeito da quantidade de cera da Carnaúba manufaturada no Brasil, os principais estados produtores identificados foram o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte e o Maranhão e, ainda segundo os autores, os maiores estados consumidores são o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Amazonas e o Pará. Carvalho e Gomes (2008) esclarecem ainda que o Brasil é o único país produtor e exportador de cera de Carnaúba no mundo.

A produção de cera de Carnaúba no Piauí representava cerca de 87% do total produzido em todo o Brasil e aproximadamente 40 a 50% da produção Nordestina no ano de 2002 (Alves & Coelho, 2006). Os mesmos autores afirmam que a cera de Carnaúba é o principal produto das pautas de exportações no Piauí e os maiores municípios produtores são Campo Maior, Piri-piri, Picos, Piracuruca, Batalha e Floriano (Alves & Coelho, 2006). De acordo com Carvalho (2017), a partir da análise do mercado do pó e cera de Carnaúba, pôde-se constatar sua representatividade econômica, especialmente para o Piauí. Em termos de volume de recursos, esse mercado movimentou no Estado, no ano de 2015, a quantia de R\$525.717.995,72 (IBGE, 2016; MDIC, 2016). Entre os meses de janeiro e junho de 2019 o valor total arrecadado com exportações de ceras vegetais pelo Piauí aproxima-se de dezenove milhões de dólares, correspondendo a 11% do total de arrecadações provenientes das exportações do estado.

A respeito das características geográficas relacionadas ao cultivo da Carnaúba no Piauí Alves & Coelho (2006) descrevem os campos de carnaubais associados a culturas de subsistência e localizados em grandes propriedades. Sobre a espacialização das culturas de Carnaúba (MAPA 2), os autores afirmam que os “principais polos de ocorrência de carnaubais no Piauí são as microrregiões de Campo Maior, Baixo Parnaíba Piauiense, Litoral Piauiense, Valença do Piauí, Alto Médio Canindé, Picos e Floriano” (Alves & Coelho, 2006, p. 5). Ressalta-se que é no Piauí que estão concentradas a maior parte das carnaubeiras existentes no país (Araújo, 2008; Ferreira *et al.*, 2013).

Mapa 2: Mapa de ocorrência de Carnaúba (fibra, ou pó, ou cera) na área de atuação do Banco do Nordeste do Brasil S.A. (BNB), no ano de 2004.



Fonte: Alves & Coelho, 2006, p. 5.

Ao analisarmos o mapa acima (MAPA 2) é possível visualizar como as produções associadas à Carnaúba se espalham por grandes territórios no Piauí e no Ceará. A presença dos carnaubais na paisagem e no cotidiano dos piauienses é amplamente descrita por historiadores e naturalistas. Como exemplo, cita-se o relato dos naturalistas Spix & Martius na obra intitulada “Viagem pelo Brasil: 1817-1820” que, ao avistar as paisagens piauienses, descreveram sobre a distribuição das palmeiras presentes junto aos cursos d’água:

Também aqui as palmeiras ocupam os terrenos baixos de várzea, pantanosos, e as margens dos riachos e dos açudes. [...] Acompanhando o curso desse arroio, fui dar inesperadamente numa vista aberta sobre extenso palmeiral... formava característico painel destas regiões. [...] Esta região parecia-nos particularmente caracterizada pelos frequentes carnaubais e nos fizeram lembrar os buritizais de Minas Gerais. [...] As caatingas, pela maior parte, aqui contavam de arbustos ralos, e nas vargens muito úmidas as carnaubeiras reuniam-se em majestosos bosques, cujo aspecto é tão característico como atrativo (Spix & Martius, 1981, p. 229).

Como pontuado no trecho supracitado, o aspecto da paisagem onde encontram-se as Carnaúbas é algo bem característico e atrativo. Da mesma forma, os usos das diversas porções da palmeira para a confecção de artefatos conferem um aspecto relevante para a valorização desta árvore enquanto patrimônio, bem como mostra-se necessário e importante o reconhecimento dos modos de fazer como patrimônio cultural imaterial do Piauí.

Além disso, a partir do estudo dos processos de extração e usos da Carnaúba é possível contar parte da história do estado. Um exemplo deste cenário é retratado pelas autoras

Nascimento & Vieira (2008) ao analisarem a produção artesanal em Várzea Queimada, identificando a forte relação existente entre os usos da Carnaúba e a cultura local, passada de geração a geração. Já Carvalho & Gomes (2008) destacam “a importância da produção de cera de Carnaúba na composição da dinâmica econômica, histórica e social do Piauí” (Carvalho & Gomes, 2008, p. 421) o que reforça a forma como os usos da Carnaúba ajudaram a moldar, mesmo que em parte, traços da identidade sociocultural piauiense.

#### **4. O POTENCIAL DA CARNAÚBA PARA O TURISMO: DIÁLOGOS ARTESANAIS E PATRIMONIAIS.**

Na perspectiva do estudo dos elementos da cultura material valorizam-se os modos de fazer, uma vez que “o gesto é artifício, é expressão, é movimento corporal que une o corpo e movimento próprio do organismo humano. O artefato, materialidade que estende o gesto ao seu mundo, é instrumento das intenções, opções e sentimentos do homem” (Meneses, 2017, p. 10). Porém, muitas vezes, tomam-se os artefatos como pontos pacíficos, ou seja, naturalizados diante dos nossos olhos, sem perceber o seu potencial (Miller, 2013). Nessa perspectiva, os objetos feitos com a Carnaúba e os seus demais usos são enquadrados como comuns, representações do cotidiano, sem que percebamos o seu valor como fonte e dado histórico. Para que esta visão seja mudada, Meneses sugere que o homem é indissociável ao objeto e que “o artefato material é gerador de sentidos para a compreensão das sociedades, não apenas representação delas. O simbólico e o material são, assim, analisados como unidade” (Meneses, 2017, p. 10). Não se deve tratar os artefatos, os objetos, em sua materialidade como “produtos, como consumos, como instrumentos técnicos do homem em sociedade, e sim analisarmos como documentos do viver, das experiências de vida” (Meneses, 2017, p. 11), inseridos no contexto social e sem deslocá-los dos seus usos. Desta forma, o uso da Carnaúba deve trazer para o campo material as expressões do pensamento e das relações humanas.

Diante do exposto, para compreender o uso turístico da Carnaúba é necessário contextualizar os usos da palmeira como patrimônio cultural piauiense. Sobre o conceito de patrimônio cultural, Pelegrini (2006) alerta que apesar de buscar uma visão holística, as definições de patrimônio cultural comumente apresentam esse conceito de maneira fragmentada, fazendo associação com outras áreas do conhecimento científico para definir o patrimônio como cultural, natural, paisagístico, arqueológico, entre outros. Porém, a autora reconhece que a partir dos últimos anos do século XX e início do século XXI começou a ocorrer uma maior sinergia entre as áreas de estudo do patrimônio cultural e o reconhecimento que

“todo o patrimônio se configura e se engendra mediante suas relações com a cultura e o meio” (Pelegri, 2006, p. 117).

A valorização cultural e, posteriormente, o destaque para o potencial turístico da Carnaúba pode seguir o exemplo de outros projetos já realizados no Brasil nos quais a perspectiva integradora entre as políticas em defesa do meio ambiente e do patrimônio cultural se refletiu no incremento de atividades turísticas sustentáveis (Pelegri, 2006). A integração entre meio ambiente, cultura e turismo gera a reafirmação de “códigos visuais das identidades cívicas, patrióticas ou étnicas, na medida em que consiga agregar a população residente ao “legado vivo” da história de sua cidade ou região” (Pelegri, 2006, p. 124). Porém, no litoral piauiense percebe-se a falta de tais códigos para a geração de uma identidade (Perinotto, Balbino & Borges, 2013; Perinotto, 2013) e a Carnaúba pode surgir como o elemento representativo da cultura desta região.

Nesse aspecto, ao considerar a importância da Carnaúba na composição da dinâmica econômica, histórica e social do estado do Piauí, o patrimônio imaterial formado pelos usos da palmeira pode ser mais bem valorizado pelo turismo por meio de “experiências baseadas nos diversos saberes provenientes da Carnaúba, dando ênfase ao turismo experiencial, literário, criativo e pedagógico” (Kanitz & Pereira, 2018, p. 55). A autora em seus levantamentos pioneiros sobre o potencial turístico da Carnaúba relata que “não há produções que vinculem o conhecimento acerca da árvore ao patrimônio imaterial, tampouco estudos que a relacionem com o turismo” (Kanitz & Pereira, 2018, p. 56). Este cenário reforça a necessidade da condução de mais pesquisas sobre a necessidade de considerar a Carnaúba como um elemento da cultura do Piauí e subsidiar, no futuro, o Registro dos seus usos como Patrimônio Imaterial do estado.

No Brasil, o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial foi instituído no ano de 2000 com a definição de um programa de proteção voltado especialmente para estes bens. O Decreto nº3.551/2000 rege o processo de reconhecimento de bens culturais como patrimônio imaterial, institui o registro e, com ele, o compromisso do Estado em inventariar, documentar, produzir conhecimento e apoiar a dinâmica dessas práticas socioculturais. O registro é, antes de tudo, uma forma de reconhecimento e busca a valorização desses bens, sendo visto mesmo como um instrumento legal que, resguardadas as suas especificidades e alcance, equivale ao tombamento (Cavalcanti & Fonseca, 2008). Cabe afirmar que “tombam-se objetos, edificações e sítios físicos; registram-se saberes e celebrações, rituais e formas de expressão e os espaços onde essas práticas se desenvolvem” (IPHAN, 2006, p. 22). Assim, as propostas de registros definem-se no movimento coletivo da própria sociedade.

Alguns estudos trazem contributos para reforçar a importância da produção artesanal associada à carnaúba enquanto elementos identitários e culturais, a exemplo da produção de vassouras artesanais com a palha da palmeira em Altos (Piauí), descrita por Santos & Araújo (2009) ao apontarem todo o ciclo de produção que culmina na venda em feiras livres do município. Para os autores, as feiras são instituições econômico-culturais tradicionais e destacam que no Nordeste elas “traduzem as diversas especialidades que envolvem as atividades econômicas, bem como são expressões dos traços culturais comunidades onde estão inseridas” (Santos & Araújo, 2009, p. 1).

Conforme apontam Vieira & Loiola “a comercialização de produtos confeccionados com fibras naturais vem ganhando força pela valorização dos produtos sustentáveis e étnicos, conciliados à expansão do turismo” (Vieira & Loiola, 2014, p. 63), o que demonstra um cenário positivo para o artesanato de palha de Carnaúba na Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. As autoras salientam ainda que Parnaíba e Ilha Grande são grandes produtores desse tipo de objeto, porém alertam que as artesãs não consideram suas peças valorizadas e o preço de venda não reflete o esforço dispendido para a produção do artesanato com folhas de Carnaúba (Vieira & Loiola, 2014).

As autoras Vieira, Oliveira & Loiola (2016) descrevem o litoral piauiense como propício para a confecção e comercialização de produtos feitos com a palha da Carnaúba e citam como facilitadores a “grande disponibilidade de matéria prima e mão de obra; proximidade do centro de comercialização e; existência de instituições de apoio de crédito governamental e capacitação” (Vieira *et al.*, 2016, p. 96). Para Vieira (2013) o extrativismo e a produção de artesanato a partir da palha de Carnaúba é um traço cultural muito expressivo no nordeste brasileiro. A autora destaca que o “o artesanato é a materialização de um patrimônio cultural, fruto do saber popular que foi passado de geração a geração, a favor de uma identidade de um povo” (Vieira, 2013, p. 17). Em sua pesquisa, a autora percebe que o artesanato confeccionado a partir de recursos naturais de origem vegetal é uma atividade econômica que vem despontando para a promoção do desenvolvimento local sustentável e conclui que o “artesanato se constitui um caminho para o combate ao desemprego local, revitalizando e dinamizando as atividades comerciais locais e favorecendo a criação de uma identidade ao nível internacional” (Vieira, 2013, p. 18).

Constata-se que a relação entre o artesanato utilizando fibras naturais da região e baseado em saberes tradicionais se mostra um forte atrativo para os turistas. Sousa (2015) já havia identificado que “tanto a forma de produzir, quanto o objeto em si são patrimônios, o

primeiro imaterial (memória, tradição, a arte do aprender fazendo) e o segundo material, isso equivale a outra potencialidade” (Sousa, Melo & Oliveira, 2014, p. 150). Os autores complementam com a reafirmação do grande potencial do artesanato de Carnaúba e do processo de produção artesanal para o turismo cultural, pois esse uso condiz “com o uso do natural e do cultural, e esse último diz respeito ao patrimônio material e imaterial, uma vez que o objeto material é produto do bem imaterial” (Sousa *et al.*, 2014, p. 152). Na sequência de imagens abaixo, os autores retratam os processos de secagem da palha de Carnaúba após o processo de tingimento e a conseqüente elaboração de peças artesanais (FIGURA 3).

Figura 3: Produção do artesanato com palha de Carnaúba em Ilha Grande, Piauí.



Fonte: Sousa *et al.*, 2014, p. 147.

Entende-se o turismo como uma atividade presente na região litorânea do Piauí com capacidade de causar impactos tanto positivos quanto negativos em diversas escalas e esferas. Considerado como promotor de desenvolvimento nas regiões receptoras, o turismo pode contribuir, entre outros benefícios, para “a entrada de divisas, para o aumento da atividade econômica e produtiva de um conjunto diferenciado de empresas, diversificação da estrutura econômica, criação de empregos, aumento do rendimento das famílias, aumento das receitas do estado” (Eusebio & Carneiro, 2012, p. 66). Ressalta-se, ainda, a importância desta atividade primordialmente em regiões com pouca industrialização e menor índice de desenvolvimento. A visão sobre áreas com poucas atividades econômicas é complementada por Putrick, Silveira & Cury. (2016) ao afirmar que “é importante reconhecer, no entanto, que embora o turismo gere empregos e contribua significativamente para o crescimento econômico, ele não constitui uma fórmula automática para a redução da pobreza” (Putrick *et al.*, 2016, p. 201). É preciso reforçar os laços comunitários por meio de associações e cooperativas de artesãos locais que

tenham o objetivo de valorizar a sua própria cultura e, com isso, gerar a possibilidade de desenvolvimento em escala local.

Dessa forma, o turismo pode contribuir com a valorização da relação que envolve as comunidades locais e a Carnaúba a partir da demonstração do processo de extrair a folha, processá-la e produzir o artesanato, o que pode ser visto como um atrativo turístico, ofertando vivências educativas e/ou turísticas a um público diverso. Assim, oferta-se não apenas o objeto pronto, comercializado em lojas de *souvenirs*, mas apresenta-se a possibilidade do diálogo entre a comunidade local e o visitante, criando experiências e contribuindo com a diversificação da atividade turística de maneira responsável e sustentável.

Visitar e apreciar heranças culturais de outros povos e de tempos passados faz parte da cultura contemporânea e tem um valor que ultrapassa a simples curiosidade pelo diferente ou pelo exótico (Meneses, 2006). Essa busca faz entender melhor o mundo em que se vive e “nos leva à busca de prazeres nos momentos de ócio que contemplam o entendimento de culturas, de valores históricos, de manifestações da tradição construída, de heranças culturais” (Meneses, 2006, p. 30). Portanto, refletir acerca da Carnaúba enquanto potencial para o desenvolvimento do turismo, ainda que complementar à oferta já existente, reveste-se de importância e faz-se necessário em virtude do comprovado valor histórico e identitário do artesanato proveniente da árvore da vida para a cultura piauiense.

De acordo com as informações expostas, fica evidenciado o potencial da Carnaúba em se tornar um atrativo turístico por meio das vivências e experiências possíveis a partir dos processos de colheita, do processamento das suas folhas troncos e frutos, e as formas de produção de artesanato e utensílios domésticos. Desta forma, a Carnaúba pode contribuir para a diversificação da oferta turística no litoral piauiense, ainda muito baseada no turismo de massa e no segmento de sol e praia e que não se reverte em desenvolvimento para as comunidades locais. Em contraponto, os segmentos do ecoturismo, o turismo cultural e seus nichos, a exemplo do turismo criativo e de experiências, do turismo de estudos e intercâmbio, do turismo gastronômico e do turismo de base comunitária se mostram mais sustentáveis e de acordo com o potencial cultural e natural dos municípios de Ilha Grande, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a pesquisa apresentada é possível afirmar que a Carnaúba é uma das espécies vegetais mais representativas da cultura piauiense. A palmeira foi utilizada por tribos indígenas,

nas primeiras edificações do período colonial e em diversos usos pelo povo piauiense. A árvore é tão importante que já chegou a ser o principal produto de exportação do estado do Piauí, sobretudo devido à valorização da cera a partir de 1947 e ainda hoje é um importante item de exportação.

Com a queda no valor da cera de Carnaúba no mercado, outros usos passaram a ser mais valorizados e, dentre eles, a produção e a comercialização de produtos artesanais voltados para o público de consumidores em geral, incluindo-se os turistas. Da palmeira utiliza-se todas as suas partes, porém observa-se um maior uso das folhas no artesanato desenvolvido no litoral do Piauí. No entanto, o artesanato e os produtores dessas peças não possuem o reconhecimento que se almeja e, por consequência, não veem os seus esforços valorizados, o que demonstra a importância da pesquisa empreendida neste artigo, posto que tanto o material (os objetos do artesanato) quanto o imaterial (o saber fazer do artesão e da artesã) precisam ser vistos e promovidos de forma integrada.

Assim, a preservação da memória de manifestações do patrimônio cultural imaterial, a exemplo das práticas artesanais com a palha da Carnaúba, traz consigo uma série de efeitos, como a criação de melhores condições para que se cumpra o preceito constitucional do “direito à memória” como parte dos “direitos culturais” de toda a sociedade piauiense. Além disso, contribui para que a inserção de bens produzidos em contextos culturais tradicionais em novos sistemas, como o turismo, possa ocorrer sem o comprometimento de sua continuidade histórica.

Conclui-se, portanto, que o turismo pode, por meio do comércio justo das peças de artesanato e da oferta de roteiros nas comunidades, centrados no turismo de vivências e educativo, ser um instrumento de valorização da cultura local. Espera-se, ainda, que esse trabalho possa inspirar novas pesquisas e contribuir para o processo de reconhecimento dos usos da Carnaúba como patrimônio imaterial do estado do Piauí.

## REFERÊNCIAS

- Alves, M. O., Coelho, J. D. (2006). *Tecnologia e relações de produção no extrativismo da carnaúba no nordeste brasileiro*. 44th Congress, July 23-27 de 2006, Fortaleza, Ceará, Brasil, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2006.
- Alves, M. O. (2008). *Extrativismo da carnaúba: relações de produção, tecnologia e mercados*. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. 214 p. - Série documentos do ETENE, 20.

Araújo, J. L. L. (2008). O rastro da carnaúba no Piauí. *Revista Mosaico-Revista de História*, 1( 2), 198-205, 2008.

Bayma, A. C. da (1958). *Carnaúba*. Ministério da Agricultura, Sistema de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1958.

Braga, Solano S; Guzzi, Anderson. (2021). Organização espacial da atividade turística no litoral piauiense. *Mercator*, v. 20, 2021.

Carvalho, J. B. M. (1982). *Ensaio sobre a Carnaubeira*. 2ª ed. Natal: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte – EMPARN. 369p. 1982.

Carvalho, J. N. F., & Gomes, J. M. A. (2017). *Negociações coletivas no extrativismo da palha de carnaúba no estado do Piauí*. 2017.

Carvalho, J. N. F. de. (2017). *Novas dinâmicas nas relações de trabalho no extrativismo da palha de carnaúba, Copernicia prunifera (Miller) H. E. Moore, à luz do trabalho decente*. 186 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

Castro, Maria Laura Viveiros de; Fonseca, Maria Cecília Londres. (2008) *Patrimônio Imaterial no Brasil*. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

D'Alva, Oscar Arruda. (2007). *O extrativismo da carnaúba no Ceará*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 172 p. (Série BNB Teses e Dissertações, n. 4).

Eusébio, C., & Carneiro, M. J. (2012). Impactos socioculturais do turismo em destinos urbanos. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, n. 30, p. 65-75, 2012.

Ferreira, C. D. S.; Nunes, J. A. R.; Gomes, R. L. F. (2013). Manejo de corte das folhas de Copernicia prunifera (Miller) HE Moore no Piauí. *Revista Caatinga*, 26(2), 25-30. *Revista Caatinga*, vol. 26, núm. 2, abril-junio, 2013, pp. 25-30

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projeto de pesquisa*. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Gomes, J. M. A., Santos, K. B. Dos & Silva, M. S. (2006). *Cadeia produtiva da cera de carnaúba: diagnóstico e cenários*. Teresina: editora gráfica da UFPI, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. (2016). *Quantidade produzida e valor da produção da extração vegetal e da silvicultura. Carnaúba (pó)*, 2005-2015. Rio de Janeiro: IBGE.

IPHAN - Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional. (2014). *Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí*. 2014. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/87>>. Acesso em 16 de junho de 2021.

IPHAN (2006). *Os Sambas, as Rodas, os Bumbas, os Meus e os Bois: a trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. 1936/2006*. Brasília: Instituto Patrimônio Histórico Nacional/Departamento de Patrimônio Imaterial, 2006.

Kanitz, H. G., & Pereira, H. M. (2018). *A árvore da vida e as suas relações com o patrimônio imaterial e o turismo na Região Meio-Norte do Piauí, Brasil*. In: IX Postgraduate Conference

ESGHT/ISCAL 2018. Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, 2018. p. 55-56.

Lakatos, E. & Marconi, M. A. (2001). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, SP: Atlas.

MDIC - Ministério Da Indústria, Comércio Exterior E Serviços. (2016). ALICEWEB. *Volume de exportações da cera de carnaúba 2005-2015*. 2016.

Mendes, J. A. (2013). *Estudos do patrimônio – Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

Meneses, J. N. C. (2017). Cultura material no universo dos Impérios europeus modernos. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, N. Sér. 25(1), 9-12, jan-abril 2017.

Meneses, J. N. C. (2015). *A semântica de uma memória. Os modos de fazer como patrimônio vivencial*. In: Reis, A. S.; Figueiredo, B. G (Org). *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, 169-195, 2015

Meneses, J. N. C. (2006). *História & turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas*. Estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Nascimento, M. C., & Vieira, M. A. B. (2008). Saberes tecidos na palha da carnaúba. *ANAIS de Evento Anais CONEDU* | ISSN: 2358-8829. VI Congresso Nacional de Educação, 2008.

Pelegrini, S. C. A. (2006). Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Revista brasileira de história*, 26(51), 115-140, 2006.

Perinotto, A. R. C., Balbino, M. R. A de, & Borges, D. M. (2013). Mosaico postal: cartões postais turísticos de Parnaíba/Piauí. *Revista TURyDES*, 6(14), 2013.

Perinotto, A. R. C. (2013). Investigando a comunicação turística de Parnaíba/PI-Brasil: internet e redes sociais, descrição e análise. *Revista Turydes*, 6(15), 2013.

Putrick, S. C., Silveira, M. A. T., & Cury, M. J. F. (2016). Redes de Articulação de Turismo e Pesca da Rota das Emoções no Estado do Piauí - Brasil. *Perspectiva Geográfica*, 11(15), 198-206, 2016.

Queiroga, V. P. de, Assunção, M. V., Almeida, F. A. C., & Albuquerque, E. M. B. de. (2017). *Carnaubeira: tecnologias de plantio e aproveitamento industrial*. Campina Grande: AREPB, 2017.

Rede, M. (1996). História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, N. Sér. V.4, p.265-282, jan-dez 1996.

Ruiz, J. Á. (2008). *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

Santos, Maria S. B. A.; Araújo, José Luis Lopes. (2009). *Análise Sócio-Econômica da Produção de Vassouras da Palha de Carnaúba comercializada na feira de Altos-Piauí*. 12º EGAL. 2009.

Sousa, R. F. (2015). Etnoecologia e etnobotânica da palmeira carnaúba no semiárido brasileiro. *Cerne*, v. 21, n. 4, p. 587-594, 2015.

Sousa, B. R., Melo, R. S., & Oliveira, V. V. (2014). Produção artesanal associada ao turismo em ilha grande de Santa Isabel (Parnaíba-Pi). *CULTUR: Revista de Cultura e Turismo*, 8(2), 137-156, 2014.

Spix, J. B. Von, & Martius, C. F. P. Von. (1981). *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia, v. 2, 1981.

Vieira, I. R. (2013). *Subsídios para o extrativismo sustentável de folhas de carnaúba na APA Delta do Parnaíba, Piauí-Brasil. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, PRODEMA - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza-CE, 2013.*

Vieira, I. R., & Loiola, M. I. B. (2014). Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba (*Copernicia prunifera* HE Moore, Arecaceae) na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. *Sociedade & Natureza*, 26(1), 63-76, 2014.

Vieira, I. R., Oliveira, J. S., & Loiola, M. I. B. (2016). Efeitos do extrativismo de fibras de carnaúba, Piauí, Brasil. *REDE*, Fortaleza, 10(1), 96-109, 2016.

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Braga, S. S. de, Kanitz, H. G., Perinotto, A. R. C. & Gonçalves, M. F. (2022). A Carnaúba e seus possíveis usos turísticos no litoral do Piauí. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 10(3), 516-535. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n3ID26818>

---